

Mojca Medvedšek, Blažka Müller Pograjc

DOI: 10.4312/vh.26.1.233-246

*Universidade de Ljubljana*

## **Análise semântico-pragmática do futuro na tragédia *A Castro***

**Palavras chave:** *A Castro*, futuro simples do indicativo, valor modal ‘assertivo’, interpretações pragmáticas

### **1 Introdução**

Neste artigo, tendo como base o texto da tragédia *A Castro* (1553-1556, impressa em 1587)<sup>1</sup> de António Ferreira (1528-1569), mais precisamente o monólogo final do ato V (Ferreira, [1587] 2006: 319), visa-se apresentar as características e o funcionamento dos atos ilocutórios, marcadores de uma série das decisões, expressas como predições do locutor (o protagonista principal, Pedro, Infante) pertencendo à esfera do futuro – futuro esse que para o recetor do texto é conhecido, historicamente comprovado e que representa um dos capítulos da história mais representados em textos literários tanto em Portugal como fora da península ibérica (Sousa, 1997: 39).

As autoras partem da constatação de que o monólogo final do ato V da tragédia apresenta um forte potencial dramático. Tendo em conta esta observação, as autoras analisam duas sequências do monólogo final do ato V da tragédia *A Castro* (Ferreira, [1587] 2006: 319) e procuram evidenciar os diferentes tipos dos atos ilocutórios (Searle, 1975; Gouveia, 1996; Luján Atienza, 2005) do locutor (Pedro, Infante) que ocorrem nestas sequências; observam igualmente a relação do locutor com o conteúdo proposicional do enunciado proferido por ele e as características dos recursos linguísticos empregados para persuadir o recetor das suas intenções que são firmes, certas, projetadas para um tempo futuro não realizado dentro do tempo dramático da tragédia.

<sup>1</sup> cf. Roig, 1983: 85.

## 2 Alguns aspetos teóricos

Se o diálogo literário, especialmente nos textos dramáticos, se caracteriza por ser estrutura comunicativa secundária e derivada (Albaladejo, 1986: 225), o monólogo literário tem uma dimensão de diálogo implícita quando estabelece uma relação entre duas ou mais personagens em comunicação (Vološinov, 1976: 92), na qual os interlocutores podem ser produtores e recetores de modo alternativo ou de modo simultâneo.

O reproduzidor (o locutor) do monólogo final do ato V da tragédia *A Castro*, é, sob o ponto de vista do processo comunicativo, a personagem principal, o protagonista da obra (Pedro, Infante). A comunicação que se realiza no monólogo produzido por ele é dirigida seja a ele próprio seja a uma personagem inexistente, nomeadamente, à rainha morta.

Para alguns autores e de acordo com Gouveia (1996: 39), a pragmática dos textos literários, ou seja, de ficção, incluindo nestes, também os textos dramáticos, estuda as relações entre os interlocutores, partindo das noções de objetivo ilocutório e de força ilocutória. Assim, na realização dos atos ilocutórios, o locutor exprime uma atitude, um estado psicológico, relativamente ao conteúdo proposicional do seu enunciado.

Segundo Searle (1979), pode assumir-se que o locutor do ato expressa uma atitude, interesse ou estado psicológico, relacionado com o seu discurso enunciado com diferentes objetivos ilocutórios, força ilocutória e condição da sinceridade.

Deste modo, e tendo como base as diferentes possibilidades de variação dos diferentes atos de fala presentes nesta obra, as autoras visam analisar os diferentes tipos dos atos ilocutórios, observar o valor temporal ou modal das formas verbais presentes nestes enunciados, caracterizar os atos ilocutórios e verificar de que forma estes atos interferem nas características do locutor dos enunciados.

## 3 O monólogo final na tragédia *A Castro* e a sua relação com a história

Desde que Inês de Castro foi morta em 1355 e que a lenda dela entrou em literatura, cada texto produzido de alguma forma funcionava como um olhar crítico em relação a toda produção anterior. Como afirma Marinho (1991: 103):

Podemos dizer, sem grande margem de erro, que cada hipertexto é também simultaneamente um hipotexto que se completa, alterando o significado absoluto no confronto com as

obras anteriores e posteriores que fazem ressaltar pormenores esquecidos, abandonado outros, primitivamente considerados mais importantes.

Segundo Sousa (1997: 39), as figuras dos amantes Inês e D. Pedro, o Infante de Portugal, constituem um tema privilegiado na literatura portuguesa. Com a publicação da obra de Garcia de Resende –Trovas–, publicadas em 1516, Inês e Pedro tornaram-se personagens míticas, ultrapassando a estrita dimensão histórica. A partir desta data, são inúmeros os textos que, em Portugal e no estrangeiro, tratam Pedro e Inês como personagens principais na poesia, em novelas, em peças de teatro e em óperas. É importante notar que no mesmo século o mito de Pedro e Inês dá azo a que Camões lhe dedique o Canto III, nos *Lusíadas* e que António Ferreira tome o tema inesiano como tema principal da primeira obra do teatro (1553-56) escrita em língua portuguesa (ibid.: 54).

O tema da Castro, apesar de distar da escrita da obra em dois séculos, é uma história verdadeira, vivida no tempo da criação, constituindo-se como um dos grandes temas da literatura portuguesa. O carácter excepcional desta história de amor verídica mostra-se superior às histórias mitológicas inventadas, muito populares no teatro do Renascimento. A tradição, a confrontação entre o amor e a razão de Estado (o amor contra o dever), acentuando o carácter do amor constante de D. Pedro, ao ser condensada numa peça que observa as regras Aristotélicas (Roig, 1986: 108) da unidade de tempo e de espaço resume habilmente os factos precedentes e evoca o futuro (a intenção da vingança do Infante e as suas promessas) só no final da obra<sup>2</sup>. O ato V, apesar de ser o ato mais curto, funciona como uma espécie de epílogo da peça, no qual o Infante exprime o seu amor por Inês, constituindo um dos pontos mais intensos da obra.

Segundo alguns especialistas do tema inesiano (Roig, 1986: 106), Ferreira teve o cuidado de não desenvolver o espetáculo da vingança do Pedro O Cru, não tendo, portanto, usado nem os meios teatrais, nem a ação esperada, mas

<sup>2</sup> cf. Lopes, 1965: 201. Todos os cancioneiros e todos os poetas do século XVI citam os factos trágicos desta história, contados nas *Crónicas* por Fernão Lopes. Depois do assassinato de Inês de Castro (a amante do Pedro e a mãe dos seus filhos), autorizado pelo rei de Portugal - Afonso IV -, o Infante D. Pedro, cheio de raiva, promete vingar Inês. Revolta-se contra o pai e persegue os conselheiros, culpados do assassinato. D. Pedro tortura os dois acusados e arrancando-lhes os corações. Três anos depois da morte de seu pai, D. Pedro proclama Inês sua mulher legítima. Manda fazer em Alcobça dois magníficos túmulos reais e faz transportar o cadáver de Inês para o sarcófago que lhe estava destinado, com grande cerimónia. Antes porém, realiza-se a cerimónia da coroação durante a qual obriga que todos os nobres participem no ato beija-mão, proclamando-a assim Rainha de Portugal.

recorrendo ao discurso verbal –na forma de monólogo– para exhibir um dos capítulos mais macabros da história de Portugal.

Curiosamente deve-se a Jerónimo Bermúdez, na segunda tragédia *Nise Laureada* (publicada em 1577) a inclusão da primeira representação da cena da coroação de Inês sobre o palco, o que desencadeou, posteriormente, uma série de adaptações sobretudo no teatro espanhol<sup>3</sup>. Quando Nicolau Luís, em 1772, adapta e traduz a variante de Guevara *Tragedia de Dona Iñez de Castro*, a cena mais macabra –a da coroação da rainha morta– começa a aparecer também nas peças de teatro escritas em Portugal.

#### 4 Análise do monólogo

Na nossa análise, reproduzimos duas sequências do monólogo final do ato V (Ferreira, [1587] 2006: 319) da tragédia *A Castro*, marcadas como exemplos (1) e (2). Procede-se à análise destas sequências tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista pragmático, pois é o monólogo final do ato V, como já foi observado na secção 3, um dos pontos mais intensos da obra, no qual o Infante exprime o seu amor por Inês e o seu estado psicológico transformado pela notícia da morte dela, a perturbação da alma, a dor, a raiva do espírito, os seus planos de vingança, orientados para a esfera temporal do futuro etc., recorrendo, no seu discurso e como mostram as sequências analisadas, às formas verbais do futuro que, realizando os atos ilocutórios, permitem, como pretendem mostrar as autoras, várias interpretações pragmáticas, supostamente a assertiva, a compromissiva e a expressiva. Assim, do ponto de vista linguístico, as sequências analisadas em (1) e (2) foram escolhidas devido ao facto de existirem nelas ocorrências frequentes de formas verbais que, em geral, segundo Fludernik que considera os textos de ficção, nomeadamente, os textos de narrativa, não ocorrem nos textos de ficção com tanta frequência (Fludernik, 2009). Como sustenta esta autora, os textos de ficção, normalmente, narram acontecimentos passados, concretizados e realizados, recorrendo, por isso, mais frequentemente às formas dos tempos gramaticais do passado<sup>4</sup>.

3 Entre 1577 e 1640 Jerónimo Bermúdez, Mejía de la Cerda e Luis Vélez de Guevara nas suas obras inesianas, atribuem às personagens principais mais características psicológicas, representando as ações descritas. Estas ações são interpretadas nas obras teatrais portuguesas estritamente através do discurso verbal. Guevara, dando-se conta da importância da cena da coroação, transmite a apoteose final já pelo título: *Reynar despues de morir* (cf. Botta, 1999: 30-31).

4 Segundo Fludernik (2009: 51-52), regra geral, a narrativa só pode ocorrer quando os eventos relacionados já estiverem acabados. Por isso, a escolha tradicional de tempo de narrativa mais comum é o *pretérito*. Como defende a autora, estas observações sobre o uso de tempos não são,

Desta maneira, as sequências analisadas em (1) e (2) analisam-se com o intuito de fazer notar que, como pressupõem as autoras, podem existir várias interpretações pragmáticas, condicionadas por diferentes conteúdos modais das formas do futuro inseridas nelas.

Começa-se, na análise, com o exemplo (2).

Exemplo (2)

INFANTE

[...]

Eu te matei, senhora, eu te matei.

(15) Com morte te paguei o teu amor.

Mas eu *me matarei* mais cruelmente

Do que te a ti mataram, se não vingo

Com novas crueldades tua morte.

Par' isto me da, Deus, somente vida.

(20) Abra eu com minhas mãos aqueles peitos,

Arranque deles uns corações feros,

Que tal *cruenza* ousaram: então acabe.

*Eu te perseguirei*, Rei meu imigo.

*Lavrará* muito cedo bravo fogo

(25) Nos teus, na tua terra, destruídos

*Verão* os teus amigos, outros mortos,

De cujo sangue *encherão* os campos,

De cujo sangue *correrão* os rios,

Em vingança daquele: ou tu me mata,

Ou fuge da minh'ira, que já agora

(5) Te não *conhecerá* por pai. Imigo

Me chamo teu, imigo teu me chama.

Não m'és pai, não sou filho, imigo sou.

Tu, senhora, estás lá nos Céus, eu fico

---

no entanto, totalmente verdadeiras quando pensamos, por exemplo, nas narrativas literárias do final do século XX «[...] *when the past tense which normally fixes a 'here and now' pertaining to the speaker in relation to an event situated in the past loses this function of referring to past time pure and simple and adopts the function of signalling fictionality*» (ibid.). A ficção pós-moderna caracteriza-se, assim, por apresentar algumas experiências inovadoras no que diz respeito à utilização de flexão verbal e/ou de tempo linguístico. Nesta obra, o uso das formas de futuro pode, em certo sentido, ser visto como um elemento inovador na construção da narrativa.

Em quanto te vingar: logo lá voo.

(10) Tu *serás* cá Rainha, como foras.

Teus filhos, só por teus *serão* Infantes.

Teu inocente corpo *será posto*

Em estado Real: o teu amor

*M'acompanhará* sempre, te que deixe

(15) O meu corpo com teu; e lá vá est'alma

Descansar com a tua para sempre. (Fim)

(Ferreira, 1<sup>o</sup> edição [1587] 2016: 325)

As formas: «*me matarei, te perseguirei, lavrará, verão, encherão, correrão, te não conhecerá, tu serás, serão, será posto, acompanhará*», contextualizadas na sequência analisada em (2) e destacadas acima, são as formas do Futuro Simples português.

Como uma nota preliminar à análise pragmática destas formas e das suas funções pragmáticas, apresenta-se, a seguir, embora de modo não exaustivo, algumas premissas da proposta da Teoria Formal Enunciativa<sup>5</sup> (cf. Culioli: 1990) com o intuito de sublinhar que as predições realizadas em (2) associam-se ao domínio modal de 'certo'. Segundo esta proposta, as construções que permitem uma interpretação de futuro, em português, implicam uma 'mira' e, assim, o futuro como tempo gramatical é um aorístico. Portanto, as formas verbais marcadoras do valor de futuro, podem ter uma leitura modal (domínio do 'não certo' e do 'não assertado'), encontrando-se em rutura em relação ao tempo da enunciação (T<sub>0</sub>). As formas de futuro podem assim desencadear uma leitura predominantemente temporal ou predominantemente modal, tal como discutido em, e.o., Campos, 1998. Nesta obra a autora observa que o futuro temporal corresponde: «[...] à construção de uma relação de posterioridade entre um determinado estado de coisas e um ponto de referência, sendo este, para o futuro simples, o tempo da enunciação, e, para o futuro composto é construído intratextualmente» (1998: 240). Está-se, como refere Campos (ibid.), no caso do futuro com valor temporal, face a uma frase declarativa simples que para alguns linguistas exprime uma atitude neutra do locutor em relação ao que está a ser dito e é, portanto, não modal. Porém, há autores que a este tipo de frases, ou seja, às frases declarativas simples associam à existência de um valor modal, neste caso, o valor modal 'assertivo' (ou o valor modal de asserção).

5 Um dos conceitos organizadores desta proposta teórica é o sistema de coordenadas enunciativas Sujeito e Tempo-Espaço da enunciação, designado Situação de Enunciação (Sit<sub>0</sub>). Sit<sub>0</sub> serve de localizador de uma qualquer relação predicativa (ou proposição). (Ver Campos, 1998: 25-26).

No entanto, ao observar-se as formas de futuro que ocorrem em (2), «*me matarei, te perseguirei, lavrará, verão, encherão, correrão, te não conhecerá, tu serás, serão, será posto, acompanhará*», as formas nas frases declarativas simples que se associam à existência de um valor modal ‘assertivo’, como mostrado pela Teoria Formal Enunciativa, estas podem ter uma dupla leitura, já que é ativada uma leitura de pendor mais pragmático, por participarem, de acordo com Gouveia (1996: 391), tanto na realização dos atos ilocutórios assertivos como na realização dos atos ilocutórios compromissivos, tal como definidos por Searle (1979).

Tomando esta observação como ponto de partida, abordaremos, num primeiro momento, a possível interpretação da participação das formas verbais em questão nos atos ilocutórios assertivos, sendo estes definidos como sujeitos à dimensão que inclui os parâmetros verdadeiro e falso (Gouveia, 1996: 393). Assim, no caso do locutor/enunciador (Pedro, Infante), ao pronunciar «*me matarei, te perseguirei, lavrará, verão, encherão, correrão, te não conhecerá, tu serás, serão, será posto, acompanhará*», é claramente enunciado que o seu objetivo ilocutório consiste em mostrar a verdade da proposição expressa, em relação à qual manifesta a sua crença. Assim, representa o mundo ao nível de formas do futuro simples, que, em (2), se associam com o valor modal ‘assertivo’ e se situam no domínio modal de ‘certo’, tal como defendido pela Teoria Formal Enunciativa e enfatizado nesta mesma secção. O locutor/enunciador afirma uma forte crença sobre a realização das suas intenções, da satisfação dos seus planos orientados para a esfera temporal do futuro. Pode constatar-se, assim, que as formas do futuro simples em (2) realizam atos ilocutórios assertivos. O objetivo ilocutório deste tipo de atos traduz-se, deste modo, na vontade de o locutor mostrar a firme decisão de realizar uma ação futura (não verbal) e na profunda necessidade para executar tal ação. Assim, na ótica da pragmática, quando o locutor (Pedro, Infante) revela verbalmente a vontade e a necessidade de realizar uma intenção, no seu interior, já concretiza as intenções, realizadas verbalmente através das formas verbais em questão.

No caso das formas verbais do Futuro Simples que em (2) aparecem na 1<sup>o</sup> pessoa do singular, interessa-nos, num segundo momento, discutir como poderíamos interpretar, na ótica da pragmática, a possibilidade da existência de uma outra leitura, relacionada com a classe de atos ilocutórios compromissivos (Searle, 1979). De acordo com Searle, os atos ilocutórios compromissivos têm como objetivo ilocutório comprometer o locutor relativamente à prática de uma ação futura, determinada pelo conteúdo proposicional do enunciado (Gouveia, 1996:

395). Assim, o Infante D. Pedro, ao proferir : «*me matarei, te perseguirei*», quer dizer as formas do Futuro Simples na 1º pessoa do singular, constrói sucessivos atos ilocutórios compromissivos, já que assume um compromisso que o obriga a realizar uma ação futura. No entanto, este compromisso conta com a condição de sinceridade *ter a intenção de*, ou seja, como refere Gouveia: «sem a qual o ato resulta infeliz, ou defetivo, na terminologia searleana, pelo que um ato ilocutório compromissivo traduz verbalmente a relação de poder do locutor face à determinação de um futuro estado-de-coisas» (Gouveia 1996: 396).

Convém sublinhar ainda que os atos ilocutórios compromissivos, tais como os atos na 1º pessoa do singular de Pedro em (2), se reportam à realização de uma ação futura, não por parte do alocutário, mas sim por parte do locutor. É de notar que em (2) estes atos expressam proposições temporalmente marcadas com o Futuro Simples.

A seguir, apresenta-se o exemplo (1).

Exemplo (1)

INFANTE

*Que direi? que farei? que clamarei?*

Ó fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!

(10)O Minha Dona Inês, o alma minha,

Morta m'és tu? morte houve tão ousada

*Que* contra ti pudesse? ouço-o, e vivo?

Eu vivo, e tu és morta? E morte crua!

Morte cega, mataste minha vida,

(15)E no me vejo morto? Abra-se a terra.

Sorva me num momento: rompa-se alma,

Aparte-se de um corpo tão pesado,

*Que* não detém por força.

Ah minha Dona Inês, ah, ah minh'alma!

(20)Amor meu, meu desejo, meu cuidado,

Minha'esperança, minh'alegria,

Mataram-te? mataram-te? tua rainha

Inocente, fermosa, humilde, e santa [...]

(Ferreira, 1º edição [1587] 2016: 323)

No entanto, no exemplo (1), as formas do Futuro Simples «*que direi? que farei? que clamarei?*» são, inseridas numas frases interrogativas, portadoras do



conteúdo modal predominante. A interrogação, tal como alguns advérbios de incerteza ou dúvida, reforça o conteúdo modal das formas verbais do futuro, sempre presente e inerente a estas formas, e introduz, na proposição, uma dúvida ou incerteza ainda mais marcada. Parece que as formas de futuro em (1) são esvaziadas do conteúdo temporal, referindo-se ao estado de coisas maioritariamente presente e menos orientadas para o futuro. No âmbito das interpretações pragmáticas, convém propor que as construções em (1) exemplificam aquilo que Searle (1979) designou como atos ilocutórios expressivos. Como aponta Gouveia (1996: 398), os atos ilocutórios expressivos são atos que permitem agradecer, felicitar, etc., podendo ser realizados usando verbos ou frases exclamativas com verbos afetivos ou expressões exclamativas com adjetivos ou advérbios valorativos. A base destas considerações, parece que as construções interrogativas «*que direi? que farei? que clamarei?*», as formas do Futuro Simples, presentes em (1) e inseridas no contexto das exclamações: *Ó fortuna! ó cruieza! ó mal tamanho!* permitem a interpretação em termos de atos ilocutórios expressivos. Ao enunciar as construções interrogativas e as exclamações, o locutor (Pedro, Infante) está a realizar um ato expressivo porquanto exprime um estado psicológico (de raiva, de desespero, de dúvida), relativo a um estado-de-coisas especificado no conteúdo<sup>6</sup>, não esperando nenhuma resposta.

## 5 Conclusões

Nos fragmentos analisados do ato V de A Castro, de António Ferreira, o locutor define e expressa de várias formas a palavra *vingança* que aparece no ato precedente (Ferreira, [1587] 2006: 318) depois da catástrofe (a notícia da morte de Inês [ibid.: 316]). O ato V é o exemplo da construção das sequências mais líricas da obra, portanto, um dos pontos mais intensos da obra, no qual o Infante exprime o seu estado psicológico e os seus planos de vingança, orientados para a esfera temporal do futuro, recorrendo no seu discurso às formas verbais do futuro que se associam com o valor modal ‘assertivo’ e se situam no domínio modal de ‘certo’, tal como defendido pela Teoria Formal Enunciativa, e que, realizando os atos ilocutórios, permitem, como pretenderam mostrar as autoras, várias interpretações pragmáticas. Refira-se que entre os tempos de narração excêntricos, talvez o mais marcante seja, segundo Fludernik (2012), o tempo do *futuro*, já que como esta autora afirma, primeiro vive-se e só mais

6 «*Abraçada com os filhos a mataram*» (Ferreira, [1587] 2006: 323). É o momento quando Pedro (Infante) recebe a notícia da morte da Inês.

tarde se fala sobre o que se viveu; contar algo no futuro, exceto em passagens proféticas, parece mais do que contra intuitivo<sup>7</sup>.

O recurso ao monólogo (literário) é destinado não ao interlocutor, mas ao locutor próprio. Nas sequências analisadas em (1) e (2) o locutor expressa uma decisão e uma promessa firme que faz a si próprio locutor faz a si próprio. O tempo gramatical futuro, presente nas sequências analisadas em (1) e (2), inseridas no discurso realizado pelo locutor, desencadeia uma série de atos ilocutórios que expressam uma forte decisão e crença da personagem em realizá-los. As formas do Futuro Simples do Indicativo constituem o cerne deste monólogo. As diferentes propostas linguísticas (de natureza semântica-pragmática) que nos serviram no artigo ajudam a confirmar uma das principais características do tempo gramatical: a expressão do seu valor temporal e o seu valor modal. Temporalmente, encontrando-se em rotura em relação a  $T_0$ , coordenada temporal da situação enunciativa, e não validada a partir do enunciador, associa-se ao domínio modal do ‘não certo’ e do ‘não assertado’.

Por outro lado, na análise levada a cabo neste artigo, pudemos constatar que as formas de futuro nos exemplos analisados em (2), são marcadoras de um valor temporal de posterioridade (tendo em conta a relação estabelecida entre um determinado estado-de-coisas e um ponto de referência), mas as predições realizadas não têm um valor ‘não assertivo’, mas associam-se ao domínio modal de ‘certo’.

Tendo o valor de ‘certo’ manifestado pelo tempo futuro, propomos duas interpretações (ou duas leituras pragmáticas) dos atos ilocutórios realizados na obra que nos serviu de suporte: os atos ilocutórios consistem em mostrar o objetivo de expressar a verdade nas proposições expressas nos enunciados de Pedro, Infante; as formas do Futuro Simples nos atos ilocutórios assertivos manifestam a crença do locutor e a firme decisão de realizar uma ação futura, caracterizando-se como atos ilocutórios assertivos.

Numa segunda leitura do exemplo (2), considerando as formas verbais do Futuro Simples que em (2) aparecem na 1<sup>o</sup> pessoa do singular e conhecendo a intertextualidade do monólogo, considerámos que estes enunciados podem ser

---

7 «Finally, the experimental play with tense in postmodernist fiction is a clear instance of literary creativity and play. However, even such quite artificial uses of tense do not entirely eliminate certain key functions of a specific tense; they may warp and expand or metaphorically surcharge the normal frame of reference for a particular tense, but some reinterpretations are off limits. Thus, the future tense can be used as the main narrative tense but it cannot be made to signify ‘pastness’» (Fludernik, 2012: 101).

considerados, na ótica da pragmática, atos ilocutórios compromissivos – por existir um compromisso de locutor/enunciador que o obriga a realizar uma ação futura. Este compromisso conta com a condição de sinceridade do locutor, com um juramento a si próprio e com a sua sincera *intenção de* realizar o seu objetivo.

Resta clarificar que numa análise de natureza pragmática sobre (1), as formas do Futuro Simples, inseridas em frases interrogativas e num contexto de exclamações, são ‘esvaziadas’ do conteúdo temporal, realizando-se, deste modo, atos ilocutórios expressivos, exprimindo o locutor um dado estado psicológico (desespero, raiva), presumindo sempre a condição da sinceridade.

Com esta análise tentámos ainda dar um enquadramento aos diferentes recursos usados para caracterizar o Infante: exclamações, apóstrofes e interrogações que dão aos versos um ritmo ofegante, traduzindo a perturbação da alma, a dor do coração, a raiva do espírito, etc. que a personagem manifesta. Como vimos, o locutor exprime os seus projetos, os seus desejos e as suas intenções firmes e brutalmente trágicas através de uma série de formas de futuro; o leitor/receptor/alocutário do texto, até sem conhecer a lenda, é capaz de perceber, desta forma, que as intenções do Infante vão ter uma realização histórica; nessa parte do monólogo trata-se de interpretação dos factos confirmados nas *Crónicas*<sup>8</sup> e integrados nas ‘falas’ produzidas pelo Infante.

### Fonte de exemplos

Ferreira, A. (1<sup>o</sup> edição [1537] 2006): *A Castro*. Lisboa: Editor Ulisseia e Editorial Verbo.

Ferreira, A., Soares, N. de Nazaré (1<sup>o</sup> edição [1537] 1974): *A Castro de António Ferreira*. Coimbra: Editora Almedina.

### Bibliografia

Albaladejo, T. (1986): *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa: análisis de las novelas cortas de Clarín*. Alicante: Universidad de Alicante.

Botta, P. (ed.) (1999): *Inês de Castro. Studi. Estudos. Estudios*. Ravenna: Longo Editore.

Campos, M. H. Costa (1998): *Dever e Poder: um subsistema modal do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT.

---

8 cf. Lopes, 1965.

- Culioli, A. (1990): *Pour une Linguistique de l'Énonciation, Opérations et Représentations*. Tome I. París: Orhrys.
- Fludernik, M. (2009): *An Introduction to Narratology*. London e New York: Routledge.
- Fludernik, M. (2012): «Narratology and Literary Linguistic». Em: Robert I. Binnick, *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press, 75-101.
- Gouveia, C. A. M. (1996): «Pragmática». Em: Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia, Emília Ribeiro Pedro, Isabel Hub Faria, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 383-419.
- Lopes, F. (1965): *Crónica de D. Pedro I. Códice n. 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Porto: Livraria Civilização.
- Luján Atienza, A. L. (2005): *Pragmática del Discurso Lírico*. Madrid: Arco/Libros.
- Marinho, M. de F. (1990, 1991): «Inês de Castro: outra era a vez». *Revista da Faculdade de Letras*, 7-45, 103-137.
- Searle, J. R. (1979): *Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge: University Press.
- Sousa, M. L. Machado de (1997): *Inês de Castro: Um Tema Português na Europa*. 2ª Edição revista e actualizada. Lisboa: ACD Editores.
- Roig, A. (1983): «Echanges littéraires entre le Portugal et la France sur le thème de Inês de Castro». Em: *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France*. París: FCG.
- Roig, A. (1986): *O Teatro Clássico em Portugal no Seculo XVI*. Lisboa: ICLP, Biblioteca Breve.
- Vološinov, V. (1976): *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión.

Mojca Medvedšek, Blažka Müller Pograjc

*University of Ljubljana*

## **Semantic and Pragmatic Analysis of the Future Tense in the Tragedy *A Castro***

**Keywords:** *A Castro*, Future Simple of the Indicative, Assertive Modality, Pragmatic Interpretations

This article aims to present the characteristics and functioning of the illocutionary acts in the tragedy *A Castro* by António Ferreira (1528-1569), which are marked as a series of decisions, expressed as predictions of the speaker (the protagonist, Pedro Infante) belonging to the sphere of the future. This future is known, historically proven and represents one of the most astonishing chapters of Portuguese history as well as of literary production. The study focuses on the final monologue of the Act V of the tragedy, which presents a strong dramatic potential, analysing the two sequences of the monologue and highlighting different types of illocutionary acts (Searle, 1979; Gouveia, 1996; Atienza, 2005). The authors pay special attention to the relation of the speaker towards the propositional content and the pragmatic features of the linguistic means, used to persuade the receiver that the speaker's intentions are firm, certain, and orientated to the future, although not realized within the dramatic time of tragedy.

Mojca Medvedšek, Blažka Müller Pograjc

*Univerza v Ljubljani*

## **Semantično-pragmatična analiza prihodnjika v tragediji *A Castro***

**Ključne besede:** *A Castro*, prihodnjik, gotovostna naklonskost, pragmatična interpretacija

Pričujoči članek se osredotoča na dramsko besedilo prve portugalske tragedije *A Castro* in analizira značilnosti ter delovanje ilokucijskih govornih dejanj izjavljalca (glavnega protagonista Pedra, Infanta), ki zaznamujejo serijo njegovih odločitev v obliki priseg, postavljenih v sfero prihodnosti, ki je za bralca znana, historično izpričana in predstavlja eno najbolj uprizarjanih poglavij v literarnih besedilih, tako na Portugalskem kot izven meja Iberskega polotoka. Avtorici za izhodišče vzameta končni monolog petega dejanja tragedije, ki predstavlja najmočnejši dramski potencial, in v diskurzivni analizi dveh sekvenc monologa izpostavita ilokucijske sile govornih dejanj (Searle, 1979; Gouveia, 1996; Atienza, 2005). Ob tem opazujeta odnos izjavljalca do propozicijske vsebine in pragmatične značilnosti jezikovnih sredstev, s katerimi izjavljalec naslovnika prepriča o gotovosti svojih namer, zazrtih v prihodnost, četudi te (še) niso realizirane v dramskem času tragedije.